

## **Capitalismo e sociedade rural na Alemanha**

### **Capitalismo Agrário Ideal e Sociedade Agrária Conservadora**

No texto "Capitalismo e Sociedade Rural na Alemanha", Marx Weber se propõe a refletir sobre a sociedade rural da Alemanha em profunda transformação em decorrência da expansão do capitalismo no campo. Weber recorre ainda ao meio rural norte-americano, realizando um movimento comparativo que, a nosso ver, possui a virtude de evidenciar a particularidade que em cada Estado ou sub-continente a questão agrária pode assumir, como também sinalizar tendências históricas esboçadas através do confronto entre a expansão do capital e a sociedade agrária tradicional que lhe precede.

Weber realiza distinções importantes para que se compreenda a particularidade da estrutura rural da Alemanha quando comparada à norte-americana. Na Alemanha a sociedade agrária tradicional é anterior ao mercado, o que significa a resistência de formas de trabalho, de modos de vida e de mentalidades milenarmente construídas, enquanto que na norte-americana, mesmo formas tradicionais como a aldeia mexicana, a antiga plantação escravista e a velha pequena cidade da Nova Inglaterra vinculada a pequena propriedade que a cerca, não apenas surgiram sob o impulso do mercado dos tempos modernos em expansão, como também estão sendo absolutamente subordinadas ao movimento do capital que, com guerras e violências ou de forma pacífica e gradual, as tem eliminado; na Alemanha ocorre a existência de poucas terras e uma população densa, o que provoca uma elevação do preço da terra, imobilidade da mesma e um desestímulo ao desenvolvimento de técnicas e recursos agrícolas devido a abundância de mão-de-obra barata e relativamente produtiva, enquanto que nos Estados Unidos ocorre um processo inverso com abundância de terras e mão-de-obra parcialmente atendida através dos fluxos migratórios, o que determina uma sub-valorização da terra e estímulo ao desenvolvimento de técnicas agrícolas que intensifique a produtividade rural; Na Alemanha, tal situação tem desestimulado a especulação do capital financeiro em torno da terra e estimulado setores sociais proprietários, em especial a aristocracia agrária a viver de rendas retirada junto a arrendatários, enquanto que nos Estados Unidos ocorre uma elevada especulação em torno das terras, em especial com o banco como financiador da produção que se desenvolve sob critérios absolutamente capitalistas e o agricultor é um capitalista como outro qualquer à procura do lucro.

Weber demonstra que, pesem as diferenças históricas mais do que evidentes, o fim da expansão capitalista territorial nos Estados Unidos, quando suas últimas terras "virgens" forem ocupadas pela ação do capital, e com o adensamento da população rural, quando as terras não lhes forem suficientes, provocará fenômenos em grande medida idênticos aqueles vividos pela Alemanha. Portanto, ele demonstra existir um processo de ordenamento lógico ideal do capital, ainda que sobre espaços histórico-sociais distintos.

Para o autor, os Estados Unidos revelariam o que poderíamos chamar de forma de expansão ideal de capitalismo agrícola, não como algo isolado do espaço urbano-visto que dele decorrem as determinantes econômicas, políticas e sociais mais profundas que o dominam -, mas como movimento de expansão livre de obstáculos ou condicionamentos históricos de grande profundidade. A Alemanha revelaria uma forma de expansão não ideal do capitalismo agrícola, condicionada que esta pelo que o autor denomina de sociedade rural - inexistente nos Estados Unidos -, sob ou fruto de relações conservadoras no campo.

A Alemanha viveria, segundo a leitura que fizemos de Weber, confronto interno entre a tendência para um capitalismo agrícola ideal e a resistência de uma sociedade agrária conservadora.

Esta última igualmente integrada numa economia capitalista mas motivada por conceitos como honra e privilégio - a aristocracia arrendadora ou produtora - ou pela reprodução social e cultural no espaço da terra como prioridade primeira - os camponeses arrendatários ou pequenos proprietários.

A sociedade agrária conservadora se expressaria através de múltiplos atores sociais, provocando obstáculos a expansão do capitalismo agrícola ideal, a saber:

a) A Aristocracia - que busca lucros através da produção para o mercado e/ou do arrendamento das suas terras, fazendo fortunas, recriando conceitos como honra e privilégio e assumindo proeminência na política e na estrutura burocrático-militar do Estado;

b) O Pequeno Agricultor - que pode ser proprietário de uma pequeníssima terra e meios de trabalho o apenas meios de trabalho (arrendatário), produzindo para obter seus meios de vida e reproduzir juntamente com a sua família as suas tradições e cultura . Especial as cooperativas de camponeses arrendatários revelam uma atitude capitalista ideal na agricultura, tendendo converte-se numa pequena-burguesia rural;

c) A Igreja - que refencinado nas nas antigas comunidades rurais, ainda que com relações de dependências pessoais que prendiam os camponeses à aristocracia rural, defendem relações sociais motivadas por princípios éticos, que tendem a ser dissolvidos pelo capital;

d) A Aristocracia da Educação"- que são compostos por professores que interferem no meio rural, reelaboram conceitos sociais que se originam no passado e provocam atitudes de resistência a expansão do capital. Na sua maioria estes setores, que tem origem na baixa aristocracia, gravitavam em torno da aristocracia rural.

e) O Partido de Classe Socialista - que mobiliza em especial a massa de proletários rurais sem perspectiva de ascensão social para a resistência às relações de produção típicas, em direção a conquista do poder político.

Este confronto não assume uma luta aberta entre o "capitalismo e o poder da influência histórica" na forma capital x propriedade da terra, como exemplifica a luta do capital contra a economia natural. Trata-se de um processo de expansão, que permanente, do capitalismo por sobre a sociedade agrária conservadora, assumindo as formas de eliminação e/ou metamorfose de grupos sociais, a seleção de formas de trabalho, produção e tipos sociais mais adequados ao capitalismo e corrupção dos laços e valores tradicionais que prendem os homens entre si e eles para com a terra.

### **A Dualidade Agrária Alemã**

Weber se propõe, ainda, a demonstrar as origens mais profundas da sociedade agrária conservadora da Alemanha.

A evidência de uma sociedade mais progressista a Oeste e uma sociedade mais conservadora a leste, corresponde a uma dualidade de estrutura social rural que possui origens muito distantes no tempo. Weber, recuperando estudos de um professor alemão chamado Below, atribui ao processo de constituição do mundo medieval alemão a origem de tudo.

Para este estudiosos, o mundo rural medieval do oeste teria criado uma sociedade senhorial com uma grande número de senhorias rivais, enclaves camponeses organizados em terras públicas,

quantidade significativas de propriedades alodiais e uma diversidade de pequenas cidades. Tais características haveriam de provocar ao final da idade média uma agricultura comercial intensiva e dependente dos mercados urbanos, beneficiada pela revolução dos preços agrícolas e uma população rural consumidora de mercadorias somente produzidas pelo mundo urbano.

O mundo rural medieval do leste, por sua vez, teria criado uma sociedade com dominação senhorial, sem grandes rivalidades, diluição dos enclaves camponeses, uma agricultura autárquica e poucas e pequenas cidades. Ao final dos tempos medievais ocorre, concomitantemente, o enfraquecimento ainda maior das cidades e desenvolvimento de uma agricultura extensiva de exportação. Esta última consequência em decorrência direta da revolução dos preços no Oeste e da busca da aristocracia em acumular rendas e ter acesso a produtos não produzidos pelos senhorios e nem pelas cidades da região.

Weber interpreta tais processos como derivados de padrão rural germânico, dominante no Oeste, e do padrão rural eslovênico, dominante no Leste. O primeiro, fruto de uma sociedade rural onde o camponês tinha assegurado o domínio de terras através dos enclaves e lotes alodiais, com relações sociais que nunca foram absolutamente normatizadas através dos domínios senhoriais. E, recuperando Perry Anderson, com influência dos princípios do direito e das formas de ocupação da terra que predominavam no mundo Romano, com os quais os germânicos se interagem de forma regular ou irregular. O segundo, fruto de uma sociedade rural eslovânica dominada pela expansão territorial militar germânica, que dominam aquelas populações, abolem os enclaves e propriedades alodiais e reduzem e enquadram aquelas populações dentro dos domínios senhoriais. A aristocracia do Leste e seus cavaleiros e comerciantes formam, de início um grupo de conquistadores que modelam uma nova formação social nos quais eles compõem o grupo dominante. Tal processo, haveria de sacrificar a existência de uma diversidade social e de propriedade, o que determinaria o futuro fracasso relativo da vida urbana se comparado ao processo histórico do oeste. Enquanto uma agricultura comercial intensiva teve origem no século XIII no Oeste, em consequência das transformações da vida urbana, uma agricultura comercial extensiva tem início no século XV, no leste, sob impulso das transformações do oeste. Tais processos aprofundariam aquelas distinções que lhes precederam.

Finalmente, uma aristocracia rural que buscava acumular rendas através de arrendamento da terra se desenvolver no oeste, limitada em suas ações pela presença do pequeno-proprietário alodial, do comerciante que adquiriu terras e mesmo do camponês arrendatário de cultura intensiva. Portanto, mesmo onde o Estado não era suficientemente forte e consolidado, esta aristocracia rural não pode monopolizar em suas mãos as terras por força da pressão dos outros grupos sociais e, talvez mesmo nem quisesse assim fazê-lo, visto que o arrendamento capitalista das terras em suas mãos os permitia ampla margem de rendas. No leste o processo assume outros rumos. A diferenciação social e de propriedade no campo não era expressiva ainda no início do século XIX, o que permitiu a monopolização das terras nas mãos da aristocracia rural, que assume outros rumos. A diferenciação social e de propriedade no campo não era expressiva ainda no início do século XIX, o que permitiu a monopolização das terras nas mãos da aristocracia rural, que assumia ao mesmo tempo a condição de capitalista agrário e estamento vocacionado para a honra e privilégios. Pode assim concentrar em suas mãos as terras, reduzir os camponeses a condição de trabalhadores da terra e desenvolver uma atividade agrícola para exportação. O próprio atraso das técnicas agrícolas, que para Weber remontam as formas de produção do campesinato eslovênico e que o processo senhorial posterior somente aprofundou a partir do século XV - agricultura extensiva exportação - impedia a esta aristocracia, que monopolizava terras, abandonar a condição de produtor rural para viver rendas auferidas do arrendamento capitalista das suas terras.

Os Estados alemães do leste, fragilizados, não representaram obstáculos à monopolização das terras nas mãos da burocracia. Muito pelo contrário, quando esta classe os homens que compunham o aparato burocrático e militar do estado o dominando completamente a política, recorreram ao próprio Estado como instrumento que acentuava o monopólio das terras através da manipulação ou criação de leis.

O resultado final destes distintos processos históricos será o desenvolvimento de um capitalismo industrial no oeste, apoiado numa estrutura rural social e economicamente diversificada e intensiva, e o capitalismo agrário no leste, apoiado numa estrutura rural social e economicamente diversificada e intensiva, e o capitalismo agrário no leste, apoiado numa estrutura rural social e economicamente mais homogênea e extensiva, uma espécie de reserva "neocolonial" quando consideramos a Alemanha como um todo - aliás, todo moderno estado capitalista contemporâneo tem provocado, mesmo internamente, regiões mais conservadoras e tradicionais. O avanço do capitalismo no leste tem rompido, em grande medida, o domínio absoluto da aristocracia agrária. O Junker Prussiano, oriundos de uma camada da baixa aristocracia de espírito capitalista, e os comerciantes e industriais do oeste, tem adquirido terras e rompido o monopólio das terras das terras da aristocracia rural do leste, o que prefigura transformações profundas naquela sociedade ao longo da transição rural do leste é ainda pressionada pelas lutas que a classe trabalhador rural, proletarizada e instruída pelo partido de classe, tem conduzido na direção da defesa dos seus direitos e na restrição da dominação aristocrática.

### **Considerações Críticas Finais**

É questionável a supervalorização que Max Weber atribui a contradição capitalismo agrícola ideal e sociedade agrária conservadora, na Alemanha. Na verdade -, e o autor reconhece isso - mesmo a sociedade agrária conservadora se reproduz determinada pelo capital e com ele não assume contradição antagônica. Por outro lado, é igualmente questionável encontrar um tipo ideal de reprodução do capital, como aponta Weber no exemplo norte-americano, visto que condicionamentos histórico-sociais e naturais existem em qualquer formação social modelando-a de alguma forma. Em nosso modo de ver, o processo de consolidação do capitalismo industrial inglês, que levou a questão agrária até o fim eliminando-a, provocando um país de burgueses e proletários, no que foi seguido pela Bélgica, não atribui a ela um processo "idéia" ou "clássico", apenas o resultado de um processo que, sob determinadas condições, resultou numa realidade histórica particular.

Esta leitura teórica de Weber nos induz a um outro questionamento. A superestimação das contradições entre um capitalismo agrário ideal e uma sociedade agrária conservadora não provocaria a subestimação das contradições dos grupos sociais internos a esta formação social agrária, em especial aquelas que dispõem as diversas camadas camponesas contra o domínio da aristocracia proprietária das terras, e do capital, através do banco e do comerciante de produtos agrícolas? A nosso ver, é necessária uma leitura dialética que de conta, ao mesmo tempo, da análise histórica abrangente em termos dos movimentos entre formações sociais distintas - coexistentes ou não no interior de Estado-Nação ou subcontinente, como aquelas que dispõem formação social rural e urbana, Europa ocidental e oriental, estrutura agrária alemã e norte-americana -, com a reflexão verticalizada entre os diversos grupos sociais em suas contradições e conflitos a articulação dos grupos, segmentos e classes numa dada formação social.

Finalmente, Weber atribui a esta sociedade agrária conservadora, que predomina no leste da Alemanha, as origens de um Estado autoritário (e militarizado), em decorrência das condições sociais acumuladas pela aristocracia: Poder econômico oriundo da produção agrária e arrendamento

de Terras, controle político sobre os demais grupos sociais do campo e a sua proeminência na política e no aparato burocrático - militar, peça completar da perpetuação de conceitos sociais fundados na honra e privilégio. esta leitura é ainda acompanhada por Barrington Moore, na sua obra "Origens Sociais da Ditadura e da Democracia". Contudo duas considerações são necessárias. Em primeiro lugar, não há uma relação íntima entre capitalismo e democracia. A democracia pode ou não ser conquistada, mas quando for, a história tem revelado, se era sempre pelas pressões das camadas socialmente oprimidas. É justamente este o problema, Weber na página 421 confunde democracia (ou instituições democráticas) com a forma liberal do moderno Estado representativo da Europa Ocidental e dos Estados Unidos. Daí a sua tolerância frente a dinastia e a classe aristocrática visto que, por coerência a defesa das instituições democráticas, recusaria qualquer golpe, político ou de forças, contra esta classe. Há ainda subjacente a esta recusa um outro elemento. Reconhecendo a militarização dos Estados da Europa Ocidental e a necessidade do aparato burocrático-militar alemão para a defesa da "velha cultura germânica", dominado eficientemente pela aristocracia rural, ele admite um necessário papel à Alemanha por parte daquele grupo social.

Em segundo lugar, todos os Estados nacionais de capitalismo desenvolvido assumiram características autoritárias. Tão significativas quanto a conformação do que Antônio Gramsci, no seu texto a "Questão Meridional", denominou de unificação de dois "blocos históricos" distintos, um urbano, burguês e industrial e outro rural, aristocrático e agrário, na constituição do Estado - unificado só um único "bloco histórico industrial-agrário"-, devemos salientar o caráter tardio das formações sociais capitalistas em bases industriais, a exceção da Inglaterra. O acelerado processo da acumulação primitiva de capital e da acumulação do capital internamente, com intensos custos sociais e conflitos, e da expansão externa, na conquista de novos mercados, o caráter autoritário e violento sempre se fez presente. Aspectos que, a nosso ver, não se fizeram presentes na reflexão de Weber por compromisso com a ordem social da Alemanha do início do século.

### **Bibliografia:**

WEBER, Max. Ensaios e Sociologia. Zahar Editores, Rio de Janeiro.

GRAMISCI, Antônio. Escritos Políticos. Editora Lê, Lisboa.

MOORE, Barrington. A Origem Social da Democracia e da Ditadura.

Walmir Barbosa